

MUDE

MUSEU DO DESIGN E DA MODA | LISBOA
COLECÇÃO FRANCISCO CAPELO

exposição *Tesouros da Feira da Ladra* apresenta cerca de 250 artefactos em nove grandes categorias, que correspondem às principais acções e necessidades do Homem, como *bater, agarrar, cortar, moldar, espalhar, proteger...* Lado a lado, dispõem-se ferramentas artesanais e utensílios de fabrico industrial, diametralmente diferentes na sua formulação técnica, mas muito semelhantes quanto ao seu uso e forma. Em comum, o engenho e a arte que preside à sua invenção, à economia de desenho e meios, à atenção orgânica e à justa adequação dos materiais, cores, formatos e dimensões aos diferentes usos, práticas ou finalidades. Nada está a mais ou é supérfluo. Apesar do avanço tecnológico, muitos destes artefactos pouco mudaram no seu formato e desenho, ou então, alteraram apenas a aparência. Acresce que estamos diante formas (algumas, ancestrais) que ainda hoje possuem uma grande actualidade (ou mesmo, modernidade) ou perante artefactos que são utilizados independentemente de credos, convicções ou raças, convocando a nossa memória colectiva e sublinhando a universalidade do design. Na verdade, apesar de vivermos rodeados de objectos, raramente paramos para os olhar. Nesta exposição revelam-se com uma outra qualidade e significado, tornando-nos mais atentos e conscientes da sua real importância para o nosso dia-a-dia. Muito embora não possuam quase valor económico, todos estes artefactos detêm um singular valor cultural, uma vez que são preciosos registos do quotidiano e do design dito anónimo. O título da exposição sublinha esta valoração e evoca, em simultâneo, o significado histórico e urbanístico da Feira da Ladra, primeiro, no Chão da Feira (Castelo), depois, no Rossio, Cotovia de Baixo (actual Praça da Alegria) e Campo de Santana, por fim, desde 1882, no Campo de Santa Clara.

A forma de exposição e, sobretudo, a singular qualidade formal e visual de cada artefacto (sublinhada pelo subtítulo *A beleza do design anónimo*), fazem com que cada um ganhe um valor escultórico muito próprio. Por vezes, talvez não consigamos denominá-los ou identificar o seu uso. Tornam-se misteriosos e enigmáticos, quase indecifráveis. Umhas vezes, a simplicidade faz com que ganhem uma presença gráfica; em outras situações, a depuração e a geometrização dão origem a formas abstractas. Em qualquer dos casos, suscitam um misto de curiosidade e interesse, fascínio e surpresa, até que consigamos reconhecer a sua finalidade e descobramos a sua beleza, tornando-os mais compreensíveis e, nessa medida, (de novo) familiares.

Olhar para estes artefactos, fora do seu contexto habitual e expostos com os preceitos museológicos, faz com que fiquemos mais conscientes da sua qualidade estética e mais sensíveis perante toda a beleza que nos rodeia. A sua presença em Lisboa salienta também a diversidade, importância e amplitude da disciplina do design e, em consequência, de um museu a ele dedicado.